

Sérgio Buarque
de Holanda

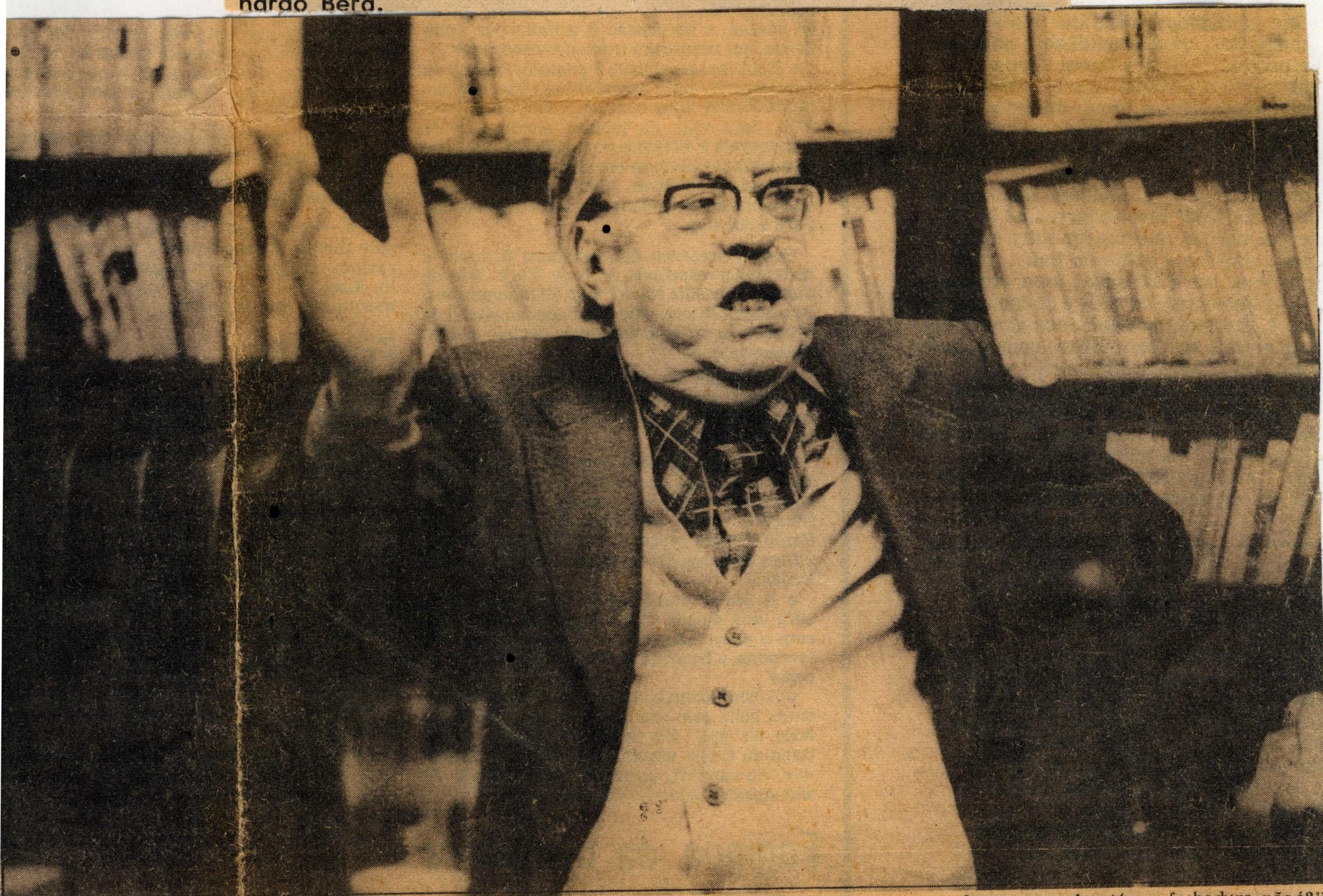
“Essa coisa de

conta-gotas

não dá”

Última hora
28/04/20

O historiador Sérgio Buarque de Holanda mora numa mansão bonita no bairro do Pacaembu. Aos 65 anos, ele ainda produz e pensa com lucidez. Seu único problema — pelo menos na aparência — é a fala: Sérgio solta as palavras com muita lentidão. E como se o gravador estivesse com a pilha fraca. Mas, o bom-humor está presente a cada tragada de cigarro, que ele não larga nem por um minuto. E a sua boa-vontade em conversar se traduz em gesto quando ele mostra a segunda edição, em japonês, do seu primeiro livro: "Raízes do Brasil". Sim, em japonês. Mas, como bom historiador, Sérgio Buarque de Holanda está atento ao momento político brasileiro e é fatal que ao lado do historiador, se desenvolva o crítico perspicaz. E é do nosso momento histórico e político que ele fala ao repórter Bernardo Bera.



Sérgio: "Em vez da abertura pode ser que venha até uma fechadura, não é?"

UH — Na última semana, os professores de diversas faculdades de São Paulo realizaram o "Dia de Protesto", em repúdio aos baixos salários que vêm recebendo. Como o senhor vê esta movimentação? O que representa a ADUSP em termos de representação e organização?

SBH — Bem, eu assito a questão como espectador. Estou aposentado desde 1969, por conseguinte não posso tomar parte, diretamente, na ADUSP. Mas acho o movimento interessante, encaro-o com muita simpatia. Estou aposentado, mas continuo participando da vida universitária em concursos, banca de mesa, etc. Houve tentativas anteriores de organização de professores, mas com a consolidação, em 1968, da Revolução, elas findaram. Agora, a ADUSP vem retomando isso, e é fundamental.

UH — E por que, justamente agora, dez anos depois, é que está se retomando este impulso de organização?

SBH — O governo está falando muito em abertura, já suprimiu a censura em alguns jornais. De modo que criou-se essa possibilidade de debate livre — que não sei se vai continuar. Esse protesto estava latente, sem condições de se manifestar. A abertura não fez isso surgir, mas apenas possibilitou a sua manifestação. E esta abertura é relativa. Uma série de manifestações estudantis foram reprimidas e continuam sendo, até hoje. Não posso dizer se essa abertura terá alguma permanência, porque aí já entram fatores de futurologia — pode ser até que venha uma fechadura, não é? Há muita gente que não se interessa, que prefere um regime duro. Mesmo esse novo presidente — o Figueiredo — não sei quais são as suas idéias. Há muitas versões diferentes sobre ele. Uns dizem que ele é "duríssimo", outros dizem o contrário, ainda não sei. Eu, por exemplo, se tivesse direito de voto, não votaria nele, porque não o conheço. Não por ser militar — se o Falcão fosse candidato eu jamais votaria nele — mas por não conhecê-lo. Agora, entre o Ministro Falcão e ele, eu votaria no Figueiredo, porque dou muito bem com o irmão dele, o Guilherme Figueiredo.

UH — Qual o real significado da campanha da Magalhães Pinto para a presidência? O senhor votaria nele, no caso de uma eleição direta?

SBH — Bem, se houvesse eleição direta, provavelmente haveria outros candidatos, não é? Havendo apenas os dois, eu votaria no Magalhães Pinto. Ele é uma alternativa pra essa situação. Não que eu seja entusiasta pessoal dele. Sua candidatura foi um ato corajoso, de romper com essa farsa toda, não é? Não chega a ser nem sequer um movimento de minoria, é uma cabala, um grupo formado pelo presidente da República! O eleitorado, hoje, é uma minoria, é um grupo formado pelo presidente. Até quando, eu não sei.



"Magalhães não conseguiu um vice-militar"

UH — É errado dizer que Magalhães contava com um certo respaldo..

SBA ..ele falhou numa coisa: não conseguiu um vice militar, não é? Isso era o mais difícil, porque surgiria uma divisão dentro das Forças Armadas. Veja que o Euler Bentes Monteiro é muito mais conhecido que o Figueiredo — de quem só se sabia que andava a cavalo e que era bom em matemática! Mas isso falhou. Talvez ele tivesse mais votos, não sei se maioria, mas mais do que teve.

UH — Ainda nesta linha, o que teria representado o afastamento do general Silvio Frota?

SBH — Ele representava uma ala mais dura, que queria uma volta ao passado, não é? Uma volta à época dos atos institucionais, contra uma abertura. O caso do Hugo de Abreu já foi diferente, pois ele mesmo havia colaborado para a queda do Frota. O Abreu tinha discordado do processo de escolha do presidente. Quer dizer, isso é o que vazou, não é? não sei mais do que isso...

UH — Ô que o senhor tem a dizer em relação às movimentações estudantis do ano passado e deste ano?

SBH — Acho interessantes, válidas e necessárias. Sempre houve manifestações estudantis.. agora, nem sempre elas foram reprimidas assim. No momento a repressão diminuiu um pouco, eles deixam fazer dentro do campus da universidade. Mas os estudantes têm o direito e o dever de participarem da vida política do país. Eles — os estudantes — estão certos em seu protesto. Veja bem, em seu protesto e não em todas as reivindicações que levantam.

UH — Mas essas manifestações não são importantes apenas para os estudantes...

SBH — Exato. Qualquer abertura que se consegue permite a todos respirarem um pouco, não é? Essa gente jovem vai compor o quadro de eleitores do futuro, já tem condições e querem se manifestar. O jovem tem que se expandir de algum modo, não é? Hoje em dia, ele vive sem motivação, parte para a maconha e coisas assim.

UH — Como o professor está vendo a questão partidária? E as propostas de criação de novos partidos, o fim do bipartidarismo?

SBH — A coisa já começou de maneira absurda, com a criação destes dois partidos — ARENA e MDB — sendo feita de cima para baixo, não é? Parece uma brincadeira o governo inventar: estes vão ser oposição, aqueles vão ser situação! Essa oposição existe, mas nunca vai tomar o Poder, vai ter sempre que se conformar em ser Oposição. E isso é uma coisa única no mundo! O presidente Geisel diz que mesmo no Império havia dois partidos. Não! Mesmo naquela época, o Partido Liberal nasceu de um anterior, não foi imposto.



**"Democracia relativa
não tem sentido"**

UH — As eleições parlamentares da época — século passado — eram indiretas...

SBH — Essa questão de eleições diretas ou não tem que ser muito bem cuidada. Eleição direta verdadeira não é a que se chama com esse nome aqui, onde uma cabala delega diretamente o eleito. No século passado, mesmo sendo indiretas, as eleições contavam com uma participação muito maior do povo, não é? O ideal seria uma eleição direta onde toda a parte ativa da população votasse. Na época, o escravo não tinha esse direito, porque não era cidadão. Mulher também não votava — o voto feminino só veio depois de 1930, não é? E os menores também não votavam. Tirando isso, até os ex-escravos, os analfabetos, todos votavam.

A lei Saraiva, de 1880 suprimiu tudo isso e colocou eleições diretas. Mas, antes, os votantes escolhiam os eleitores e estes votavam para deputados, senadores, etc. Agora, com a lei Saraiva, mesmo com eleição direta, diminuiu a participação, pois só votava quem tinha renda acima de tanto ou tanto, etc.

Qual era o escravo liberto que podia votar? Qual era o analfabeto que podia provar que tinha renda exigida? Na época, o regime era parlamentar e o nosso, atual e, presidencial, ou seja, as eleições indiretas eram importantes, pois os ministros dependiam da câmara de deputados e de senadores. Resultado: as eleições transformaram-se em diretas, mas o eleitorado foi reduzido, drasticamente, a 1,5% da população. Com a República, então, a coisa piorou: os analfabetos foram proibidos, de vez, de votar. A maior concorrência às urnas, na República Velha, se deu por ocasião da disputa entre o Julio Prestese o Vargas. E foi de 5% da população!

Não havia democracia. Democracia significa que o poder emana do povo. Uma vez que o povo não vota, não há democracia! O que havia era o ideal democrático, uma musa. No Brasil, nunca houve democracia. Existe um ser e um deve ser. O ser tem que ser absoluto, não é? "Democracia relativa não tem sentido. O eleitorado tem aumentado muito e tenho a impressão de que isso assusta o governo, pois, no momento em que se anuncia um golpe popular, perde o controle.

UH — O período que vai de 46 a 64 é apontado, comumente, como democrático. É correta esta afirmação?

SBH — Democracia real não havia. Mas havia, pelo menos, condição de eleições mais livres. O povo chegava um pouco mais perto dos seus dirigentes.



**"Nunca houve
milagre nenhum"**

UH — Em relação aos novos partidos que já começam a se articular...

SBH — Acho importante. Inclusive o Partido Comunista. O problema é que aqueles que foram colocados como Oposição, artificialmente, estão crescendo muito, numericamente. O governo é obrigado a inventar o senador biônico para garantir o Senado! No tempo de Castelo Branco

ainda houve eleições estaduais, onde foi escolhida gente do MDB. No Rio de Janeiro foi o Negrão de Lima e em Minas foi o Israel Pinheiro. A crise econômica facilitou o avanço do descontentamento, não é?

UH — ... o fim do "milagre"...

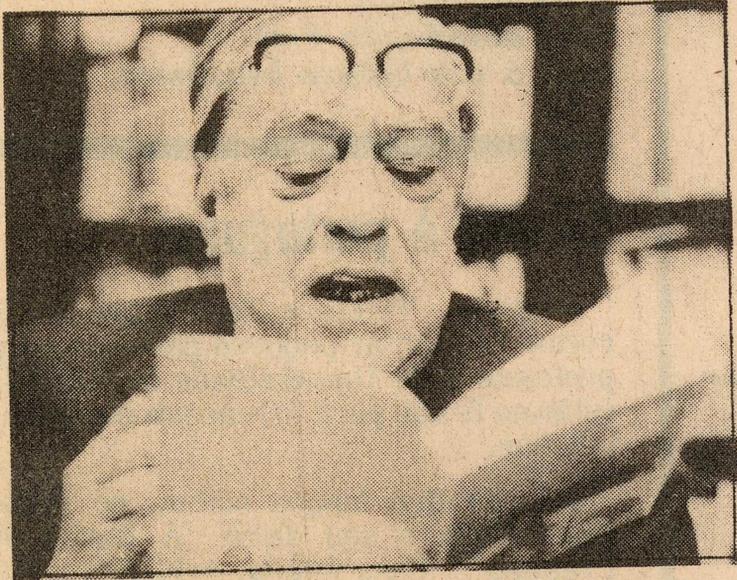
SBH — ... não houve milagre nenhum, não é? Eles precisavam fazer um governo forte e inventaram essa coisa de milagre, que era a única justificativa que tinham. Hoje, a gente já pode ver que o estudante está contra, o operário está contra, até os empresários estão contra. Dentro das Forças Armadas a gente não pode saber como está, não saem informações. Mas o que se sabe, enfim, é que o apoio a este regime está diminuindo, há cada vez mais gente dizendo não!

UH — Um número considerável de intelectuais passou a compor as fileiras do MDB. Isso seria uma saída? Como vê a participação do intelectual na vida política do país?

SBH — Não há outra alternativa, a não ser entrar para o MDB. Se eu tivesse intenções ou veleidades políticas, entraria para o MDB. Houve um tempo em que se votava em branco, mas, depois, os votos para o MDB começaram a aumentar. Não vejo outra saída. O número de representantes dos Estados depende da população e não do número de eleitores. Imagine que, hoje, o carro-chefe dos Estados é o Piauí: é a terra do Petrônio Portela, do Francelino. E uma locomotiva com 22 vagões vazios atrás! Vazios politicamente. Depois disso, vem o Espírito Santo, que é a terra do Eurico Resende, não é? Quer dizer, o Piauí e depois o Espírito Santo estão na frente! São Paulo está apagadíssimo nessa cena. O presidente do IBC é de Sergipe e não entende nada de café!

UH — Chegam ãs perto do assunto sucessão estadual. O que são estas disputas pelo governo de São Paulo, dentro da própria ARENA?

SBH — Não há eleição popular. Eles ficam naquela masturbação, não é? É claro que, entre os homens da Arena, porque o MDB foi feito para perder; seu dever é perder. Isso é uma coisa que vai desgastar o governo. O eleitorado maior, que é do MDB de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro está afastado, não é? Agora, dentro da própria ARENA, que é partido do governo, está-se criando problemas e antipatias. Se a coisa fosse resolvida de uma hora para outra, talvez fosse até melhor, porque essa demora vai irritando...dêsgasta a própria ARENA. Resta o Exército, que a gente não tem condições de saber como está, porque eles não falam.



"Acho importante a luta pela anistia"

UH — É correto dizer que as Forças Armadas, no Brasil, sempre se mantiveram como poder de moderação, sem ideais políticos próprios?

SBH — Isso é o que dizem. Mas não foi sempre assim, não. Em 1937, no golpe do Estado Novo, eles agiram abertamente. Foi o Dutra, o Goes Monteiro. A própria Constituição da República, em 1891, foi feita com a intervenção deles. Em 37, eles

criaram o Plano Cohen, que foi atribuído à comunistas e serviu de pretexto para a ação das Forças Armadas; este plano foi escrito por um integralista. Os dois primeiros presidentes da República — Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto — foram militares. Não se pode dizer que isso fosse poder moderador. Em 1930, uma junta militar também tomou conta do poder, para entregá-lo, depois, à Getúlio Vargas. Em 45, eles também entregaram o poder, depois de um golpe. Houve eleições — disputaram o Dutra e o Eduardo Gomes — mas as Forças Armadas agiram.

UH — Está surgindo, em São Paulo, um comitê de luta pela anistia. Como está colocado, para o senhor, esta questão? Ela é, ao seu ver, uma questão fundamental?

SBH — Eu assinei por duas vezes o abaixoassinado que eles me trouxeram. Acho importante esta luta. Não se trata de ficar revendo processos e etc. Porque existe muita gente que foi presa sem processo nenhum! Muita gente foi castigada sem processo, sem nada. Quer dizer, vai rever o quê? O negócio é realizar uma anistia geral. Houve muitos casos de vingança pessoal...

UH — E a luta pela reposição salarial, o senhor a considera importante?

SBH — O sindicato, no Brasil, nunca foi livre. Ele já foi criado sobre uma base oriunda do fascismo e, mesmo na época do Jango, antes de 64, havia os pelegos e tudo isso, não é? O sindicato ficava nas mãos do governo. Isto forma uma força aparentemente grande, mas viu-se depois, em 64, que aquilo era um punhado de chefes sem gente atrás. Aquela movimentação, em termos de reivindicações e greves, antes de 64, foi, de certo modo, estimulada pelo próprio governo, não é? Todo mundo sabe que o Jânio não é e nunca foi comunista. Ele é dos mais conservadores. Acontece que ele estava sem apoio e foi buscá-lo nos trabalhadores, mas esse era um apoio sem consistência. Ele pensava em se sustentar nessa gente. Aliás, o Jango tinha um apoio militar muito maior do que parece. Há indícios de que ele poderia ter resistido, mas largou o governo de mão beijada.

UH — O senhor (voltando um pouco), é otimista em relação a uma abertura maior?

SBH — Eu já estou um tanto avançado na idade, não sei se pegaria um período muito melhor. Mas, acho que se há abertura, tem que ser verdadeira. Esse negócio de se fazer as coisas, relativamente, não tem sentido. Ou faz ou não faz. Essa coisa de conta-gotas não dá, não é?

A esposa de Sérgio Buarque de Holanda, dona Maria Amélia, está lá em cima, tentando telefonar para o Rio de Janeiro para falar com o filho — o Chico Buarque de Holanda. A ligação está difícil, enquanto isso, Sérgio vai fumando um cigarro atrás do outro, como se não ligasse muito para a saúde. Seu olhar é pouco expressivo, pois as pálpebras parecem pesadas e o óculos, grande e grosso, afasta ainda mais a transparência. Anda arrastando os pés, que estão calçados por um tênis azul. Não tem muita força para ficar levantando e acompanhar o repórter até a porta de saída. Por isso pergunta:

"Você sabe o caminho, não é?". E fica lá, sentado na poltrona, com um corpo grande... a poltrona parece que faz parte dele...